

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – FATEC-SP
DEPARTAMENTO DE AUTOMAÇÃO DE ESCRITÓRIOS E SECRETARIADO

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM
AUTOMAÇÃO DE ESCRITÓRIO E SECRETARIADO (AES)

ILUSÃO DE FACILIDADE: COMPREENDENDO OS IMPACTOS
DOS FALSOS COGNATOS DA LÍNGUA ESPANHOLA
NA ÁREA DO SECRETARIADO E CORRELATAS

SÃO PAULO

2023

Gisele Maria Simplicio
Larissa da Silva Ribeiro
Paula Fernanda Silva da Cruz

ILUSÃO DE FACILIDADE: COMPREENDENDO OS IMPACTOS
DOS FALSOS COGNATOS DA LÍNGUA ESPANHOLA
NA ÁREA DO SECRETARIADO E CORRELATAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Tecnologia de São
Paulo (FATEC-SP) como requisito parcial para
a obtenção do título de Tecnólogo em
Automação de Escritórios e Secretariado.

Orientadora: Profa. Ma. Glauce Gomes de
Oliveira Cabral

SÃO PAULO

2023

Autorizamos a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CEETEPS CRB8-8281

C957i Cruz, Paula Fernanda Silva da
Ilusão de facilidade: compreendendo os impactos dos falsos cognatos da língua espanhola na área do secretariado e correlatas / Paula Fernanda Silva da Cruz, Larissa da Silva Ribeiro, Gisele Maria Simplicio. – São Paulo : Fatec-SP, 2023.
36 f.

Orientadora: Profa. Ma. Glauce Gomes de Oliveira Cabral
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Faculdade de Tecnologia de São Paulo, Curso Superior de Tecnologia em Automação de Escritório e Secretariado, 2023.

Área de concentração: Gestão e Negócios

1. Falsos cognatos. 2. Profissionais de secretariado. 3. Análise do discurso. 4. Análise de erros. I. Cabral, Glauce Gomes de Oliveira. II. Faculdade de Tecnologia de São Paulo. III. Título.

DEDICATÓRIA

Eu, Gisele, dedico este trabalho aos meus amados mãe e marido, pois sem eles esta jornada não seria possível, gratidão pelo carinho, afeto, dedicação e cuidado que me deram durante toda esta nova jornada, de uma nova faculdade, afinal sem seu apoio, suporte e compreensão durante a construção deste trabalho nada disso seria possível, obrigada. Dedico este trabalho também ao meu pai José (in memoriam), que sempre me apoiou nos meus sonhos e projetos, e que me ensinou como me reerguer diante das adversidades da vida, e que durante o percurso desta nova jornada de estudos, acabou por nos deixar, mas sempre será lembrado em cada momento de minha vida.

Eu, Paula, dedico esse trabalho aos meus pais e meu irmão, mas principalmente a minha mãe que me deu suporte durante a construção desse trabalho em meus momentos de crise e que me apoiou para que não desistisse com suas palavras de conforto. Agradeço também aos meus colegas de classe que estiveram conosco durante toda essa trajetória.

Eu, Larissa, dedico este trabalho a minha mãe e a minha irmã, que, apesar de todo o estresse que as fiz passar ficando acordada até tarde da noite, sempre estiveram ao meu lado. Dedico também a meus gatinhos, Hera e Apolo, que estavam, literalmente, ao meu lado, me dando o apoio moral necessário quando estava sozinha na sala com apenas o notebook e a escuridão da noite pesquisando, lendo e escrevendo este trabalho.

E, por fim, dedicamos este trabalho ao espírito de cooperação demonstrado por nós, Gisele, Larissa e Paula, pois a dedicação que tivemos para com este trabalho. Além do mais, a compreensão que tivemos para com cada uma de nós foi decisiva para a conclusão desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Para iniciar, queremos agradecer a Deus pelas nossas vidas e por nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do caminho.

Agradecemos também aos nossos pais, irmãos, amigos e marido, que nos incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam as nossas ausências enquanto nos dedicávamos à realização deste trabalho.

Queremos agradecer aos nossos colegas de classe, principalmente ao nosso grupo de amigos, porque tantas vezes pensamos em desistir diante das dificuldades, mas estávamos sempre juntos apoiando uns aos outros, dando a força necessária para chegarmos até aqui sem desistir e ir até o final.

Queremos e devemos agradecer também a todos os professores que passaram por nossas vidas neste período, pelas correções e ensinamentos que nos permitiram crescer em nossa formação profissional.

Deixamos um agradecimento especial para a professora Ma. Joyce Villela De Andrade e para o professor Dr. Luis Augusto Severo Soares, por aceitarem separar um tempo de suas vidas para estar presente em nossa banca, por tudo que nos passaram no decorrer deste curso e por todas as considerações que certamente nos ajudaram a melhorar o presente trabalho.

Por fim, queremos agradecer a professora Ma. Glauce Gomes de Oliveira Cabral, por ter aceitado ser nossa orientadora, por cada hora que ela dedicou de seu tempo nos orientando, o que contribuiu para que entregássemos este trabalho da melhor forma, por sua paciência para conosco e por todo o conhecimento que ela nos passou.

Que todos os nossos esforços estejam sempre focados no desafio à impossibilidade. Todas as grandes conquistas humanas vieram daquilo que parecia impossível.

(Charles Chaplin)

RESUMO

O espanhol e o português têm uma certa semelhança que pode fazer com que aqueles que estão começando a aprender a língua espanhola, e até mesmo aqueles que já a sabem, adquiram uma certa confiança nos momentos em que é necessário usá-la. É nessa hora que os deslizos podem acontecer. Visando mostrar que essa confiança é traiçoeira, se torna necessário entender como esses equívocos, podem ou não impactar na carreira de um profissional de Secretariado ou da área administrativa. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas entrevistas com pessoas de ambas as áreas para analisar os impactos de seus equívocos, as condições em que ocorreram e as reações dos envolvidos. Nosso objetivo foi responder à pergunta: qual é o impacto que uma frase pode causar em caso de erro de pronúncia ou até mesmo na escrita ao redigir documentos solicitados? Para a consecução dessa pesquisa nos apoiamos na metodologia qualitativa. Para a coleta de dados, realizamos entrevistas com dois profissionais, uma de Secretariado, outro de Administração. O referencial teórico do estudo baseou-se, por um lado, na relação entre o espanhol e o português tendo em vista a origem comum dessas línguas e na definição dos conceitos de cognatos, cognatos enganosos, falsos cognatos, falsos amigos e heterossemânticos; por outro, para a análise das entrevistas utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux) e brasileira (Orlandi), além de considerações a respeito do erro, em especial com base na Análise de Erros.

Palavras-chave: Falsos cognatos. Profissionais de Secretariado. Análise do discurso. Análise de erro

RESUMEN

El español y el portugués tienen cierta similitud que puede hacer que quienes se inician en el aprendizaje del idioma español, incluso quienes lo conocen, adquieran cierta confianza en los momentos en que es necesario utilizarlo. Es en ese momento cuando suceden los deslices. Para demostrar que esa confianza es traicionera, se hace necesario comprender cómo estos errores pueden o no impactar en la carrera de un profesional de Secretariado o del área administrativa. Para lograr ese objetivo, se realizaron entrevistas con personas ambas las áreas para analizar los impactos de sus concepciones erróneas, las condiciones en las que ocurrieron y las reacciones de los implicados. Nuestro objetivo fue responder a la pregunta: ¿cuál es el impacto que puede causar una frase en caso de un error de pronunciación o incluso en la escritura al redactar documentos solicitados? Para la realización de esta investigación nos apoyamos en la metodología cualitativa. Para la recolección de datos, se realizaron entrevistas a dos profesionales, uno de Secretariado y otro de Administración. El marco teórico del estudio se basó, por un lado, en la relación entre el español y el portugués en vista del origen común de estas lenguas y en la definición de los conceptos de cognados, cognados engañosos, falsos cognados, falsos amigos y heterosemántica; por otra parte, para el análisis de las entrevistas se utilizó el Análisis del Discurso francés (Pêcheux) y brasileño (Orlandi), además de consideraciones sobre el error, especialmente a partir del Análisis del Error.

Palabras clave: Falsos Cognados. Profesionales de Secretariado. Análisis del discurso. Análisis de errores

ABSTRACT

Spanish and Portuguese share similarities that can make those who are starting to learn the Spanish language, and even those who know it, acquire a certain confidence in the moments when it is necessary to use it. It is this time that the slips that happen. To show that this trust is treacherous, it becomes necessary to understand how these mistakes may or may not impact the careers of Secretariat and administrative professionals. To achieve this objective, were conducted interviews with people from both areas to analyze the impacts of their misconceptions, the conditions under which they occurred and the reactions of those involved. Our research aimed to answer the question: how do pronunciation and writing errors affect the impact of sentences in requested documents? For the achievement of this research, we support in the qualitative methodology. For data collection, we conducted interviews with two professionals, one from the Secretariat and the other from Administration area. The theoretical framework of the study focused, on the one hand, on the connection between Spanish and Portuguese in view of the common origin of these languages and, exploring concepts such as cognates, misleading cognates, false cognates, false friends and heterosemantics, the other hand, for the analysis of the interviews, we used the French Discourse Analysis (Pêcheux) and Brazilian Discourse Analysis (Orlandi), along with considerations on error, especially based on Error Analysis.

Keywords: False cognates. Secretariat professionals. Speech analysis. Error analysis.

SIGLAS UTILIZADAS

LE – Língua(s) Estrangeira(s)

LM – Língua Materna

L1 - Primeira Língua Estrangeira

L2 - Segunda Língua Estrangeira

Sumário

1. Introdução.....	12
2. Metodologia.....	13
3. Fundamentação teórica.....	14
3.1 Histórico sobre a origem da língua espanhola e sua relação com a língua portuguesa	15
3.2. Cognatos, falsos cognatos, cognatos enganosos, falsos amigos e heterossemânticos	16
3.2.1. Cognatos, falsos cognatos e cognatos enganosos.....	16
3.2.2. Falsos Amigos	18
3.2.3. Heterossemânticos	19
3.3. Análise do Discurso.....	20
3.3.1 Condições de produção.....	22
3.3.2 Pré-construído	22
3.3.3 Efeito de sentido.....	23
3.3.4 Paráfrase e polissemia	23
3.4. Considerações sobre o erro	23
3.4.1. Conceito de Erro e Análise de Erros	23
3.4.2. Contenção da polissemia	25
4. Análise das Entrevistas.....	27
4.1. Entrevista nº1	27
4.2. Entrevista nº2	29
5. Considerações Finais.....	33
Anexo	34
Referências Bibliográficas	35

1. Introdução

Sabemos que mudanças fazem parte da vida, um dia somos bebês aprendendo a falar, no outro, crianças aprendendo a conviver com outras pessoas e, em outro ainda, adultos tentando ganhar uma promoção em nosso trabalho. Eis então que nos deparamos com um desafio que para muitos é quase intransponível: falar uma língua estrangeira.

No mundo de hoje isso não é mais uma mera novidade, é regra. Inglês é algo que era muito pedido anos atrás, e continua sendo, mas agora outras línguas contam como mais que um diferencial, o espanhol é a principal delas.

A semelhança entre o português brasileiro e o espanhol é algo com que muitas pessoas costumam brincar. Quem nunca ouviu falar do portunhol, não é mesmo? A famosa mistura de ambas as línguas e o sotaque estereotipado tentando imitar o espanhol são uma saída rápida nas aulas de espanhol, quando não sabemos bem qual palavra usar. Entretanto, no mundo do trabalho, o portunhol, deve ser evitado, pois pode fazer com que sejamos mal interpretados ou que interpretemos mal os hispano-falantes.

Visando evitar mal-entendidos, escolhemos fazer a comparação dos falsos amigos ou falsos cognatos do espanhol no Secretariado, procurando, assim, saber como as diferenças entre as duas línguas, português brasileiro e espanhol, podem afetar o dia a dia do profissional dessa área.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é observar, por meio de entrevistas, como os profissionais de Secretariado, são impactados pelos mal-entendidos gerados pelos falsos cognatos.

Como estudantes, sabemos que o Profissional de Secretariado, em seu cotidiano, presta serviços de assessoria a executivos, além de serviços administrativos e de comunicação. Nesse ambiente, o idioma é uma ferramenta fundamental em sua rotina administrativa e, em algum momento, ele irá fazer uso da língua espanhola em situações formais ou, até mesmo, informais de acordo com o contexto inserido. Consequentemente, os estudantes que estão se aprimorando na língua necessitam, sobretudo, compreender que, apesar da semelhança fonética e escrita entre as duas línguas (português brasileiro e espanhol), muitas vezes o que pretendemos dizer tem significados diferentes, ou seja, essa semelhança pode ser ilusória.

O que nos leva às seguintes questões: qual impacto pode causar um erro com um falso cognato num ambiente corporativo? Tal descuido seria capaz de arruinar ou diminuir as chances de uma vaga de emprego ou até mesmo uma promoção? Dependendo da gravidade, é capaz de acabar com a carreira de um profissional?

Neste trabalho, apresentaremos os falsos cognatos que representam mais que um reforço de erros gramaticais e fonéticos, além de encontrar alguns falsos cognatos que causaram

impacto negativo ou positivo nos profissionais da área enriquecido pelos contextos em que apareceram.

O caráter da investigação é exploratório, porque, por meio da pesquisa bibliográfica procuramos nos familiarizar com o tema tanto dos chamados falsos cognatos e da origem da língua espanhola, como alguns conceitos da Análise do Discurso e considerações sobre o erro com base na Análise de Erros. A abordagem utilizada foi a qualitativa. A natureza da pesquisa é narrativa uma vez que entrevistamos a dois profissionais, uma de Secretariado e outro de Administração, procurando compreender suas experiências.

Para a realização deste trabalho, começamos expondo a metodologia que utilizamos, logo passamos à fundamentação teórica, na qual fizemos não apenas um histórico do contato entre o português e o espanhol, mas também procuramos compreender as diferenças entre os conceitos de cognatos, cognatos enganosos, falsos cognatos, falsos amigos e heterossemânticos. Em seguida, realizamos uma pequena pesquisa sobre a Análise do Discurso e a Análise de Erros para analisar as entrevistas que realizamos. Essas entrevistas foram realizadas a dois profissionais, a primeira foi feita em grupo, enquanto a segunda, foi feita pela integrante Paula. Com as gravações das entrevistas em nosso podemos empreendemos as análises e, por fim, concluímos o trabalho com o que descobrimos no decorrer da pesquisa.

2. Metodologia

Como já dissemos na Introdução, a abordagem de nossa pesquisa é qualitativa, pois aqui não visamos quantidade, o número em si não é algo importante, mas sim interpretar os acontecimentos, como ocorreram e quais as supostas consequências do equívoco. Sendo assim, podemos dizer que o mais importante para nós é a “qualidade” das entrevistas e não a quantidade.

Para isso, começamos a pesquisa fundamentando-nos teoricamente. Num primeiro momento, elaboramos um breve histórico para compreender da origem da língua espanhola para buscar as raízes da semelhança que há entre ela e a língua portuguesa. Em seguida, nos centramos numa reflexão sobre o que é cognato, procurando definir o que são os falsos cognatos e os vários nomes que esse conceito adquire nos estudos linguísticos (falsos cognatos, cognatos enganosos, falsos amigos e heterossemânticos) e os contextos em que costumam acontecer/aparecer.

Para a coleta de dados, utilizamos entrevistas com dois profissionais voluntários, uma da área secretarial e o outro da área administrativa. Realizamos, antecipadamente, o envio dos termos de consentimento (ver modelo anexo) a ambos os entrevistados, tendo em vista sua participação em nosso trabalho. Essas entrevistas foram realizadas de forma remota, em vídeo e em áudio, via aplicativo WhatsApp. Efetuamos a gravação da tela e do áudio para posterior análise dos dados.

As perguntas elaboradas para as entrevistas foram direcionadas às experiências que nossos entrevistados já tiveram em sua carreira, em relação aos falsos cognatos. As entrevistas se mostraram semiestruturadas uma vez que, mesmo com as perguntas já formuladas, as entrevistas ocorreram de forma fluída e algumas das perguntas já foram respondidas naturalmente sem necessidade de nossa intervenção. Seguem as perguntas tal como as elaboramos:

- 1) Qual a sua área de formação?
- 2) Em qual área você atua atualmente?
- 3) Conte-nos, em uma breve narrativa, um fato que tenha ocorrido com você, em uma situação na qual houve equívoco de língua portuguesa para a língua espanhola, ou confusão linguística?
- 4) Quando este fato ocorreu?
- 5) Poderia nos contar como se sentiu quando ocorreu o fato narrado?

Para a análise das entrevistas, utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa e brasileira e algumas considerações sobre o conceito de erro com base na Análise de Erros. Com base na Análise do Discurso, entendemos que não é possível dialogar sobre linguística sem entender como funciona o processo de comunicação, que engloba entender o contexto imediato e o contexto amplo em que os sujeitos presentes na comunicação estão envolvidos, para que a interação possa fluir com compreensão de ambas as partes. Sobre a questão dos erros, cabe destacar que, como veremos, eles desempenham um papel fundamental na identificação de oportunidades e áreas de melhoria em um diálogo. Ao reconhecer esses pontos de dificuldade na língua estrangeira, devido a similaridades com a nossa, é possível aprimorar nossas habilidades nesses aspectos.

A pesquisa dessas teorias foi essencial para a compreensão de como funciona a interação entre as pessoas, para o questionamento de se são comuns os erros de pronúncia/escrita entre palavras de línguas com similaridades e na constatação de que, em alguns casos, essas palavras “escapam” naturalmente.

3. Fundamentação teórica

Nesta etapa da pesquisa temos como base teórica um pequeno histórico das línguas romances, para situar o espanhol e o português nesse cenário. Em seguida, passamos a definir os termos: falsos cognatos, falsos amigos, cognatos enganosos e heterossemânticos. Por último, explicamos o que são as teorias linguísticas, definindo alguns conceitos delas que usaremos na análise dos dados obtidos nas entrevistas.

3.1 Histórico sobre a origem da língua espanhola e sua relação com a língua portuguesa

Como é do conhecimento de muitos, as línguas espanhola e portuguesa são derivadas do latim. Nascimento (1999, p.1) especifica que derivaram do latim vulgar, falado por comerciantes, colonos e soldados na Península Ibérica durante o Império Romano. Uma vez nesse território essa modalidade do latim foi se aperfeiçoando por meio do contato com elementos pré-românicos e pela influência de outras culturas. Segundo a autora:

Com a invasão da Península Ibérica pelos árabes no ano 711, cristãos permaneceram oito séculos sob o domínio dessa cultura, incomparavelmente superior, cujas diferenças linguísticas levaram ao nascimento do Castelhana, do Catalão e do Galego-português (NASCIMENTO, 1999, p. 1-2; maiúsculas iniciais da autora)

Com isso vemos que com o fim do Império Romano houve uma separação territorial fazendo, assim, com que as línguas romances se separassem. Centrando-nos no espanhol e no português, que são as línguas que mais nos interessam neste trabalho, observamos que essa separação acarretou diversas modificações em ambos os idiomas ao longo do tempo.

Dando um salto histórico, apoiamo-nos em Brown (2011, p. 14) que expõe fenômenos que estavam acontecendo na segunda metade do século XV e que contribuíram para uma divergência significativa dessas línguas, tais fenômenos correspondiam a processos intralinguísticos, como a mudança na pronúncia das línguas; outros, extralinguísticos, como a expansão do castelhano (ou espanhol) sobre os outros dialetos da Península, a unificação do português e o aparecimento das primeiras gramáticas dessas línguas.

Desde meados do século XV até o último terço do século XVII, como atesta Brown (2011, p. 14), gerou-se uma situação de bilinguismo entre Espanha e Portugal, a partir da qual o castelhano acabou sendo utilizado como uma segunda língua da realeza portuguesa por mais de duzentos e cinquenta anos.

É óbvio que uma situação de bilinguismo tão duradoura tenha afetado estruturas de ambas as línguas, como aponta Ridruejo:

A longa etapa de bilinguismo teve, necessariamente, consequências no desenvolvimento interno no português, embora não sejam fáceis de perceber. A proximidade estrutural das duas línguas facilitava a incorporação de elementos do espanhol e do português quando esses se ajustavam as características funcionais desta última língua, contudo tais incorporações às vezes passam despercebidas porque também podem ser resultado de um desenvolvimento autônomo no que diz respeito ao fato de que elas são compatíveis com as potencialidades produtivas do português.¹(RIDRUEJO, 1995, p. 72, apud BROWN, 2011, p. 15. Tradução nossa.)

¹ Do original: “La larga etapa de bilingüismo hubo de tener, necesariamente, consecuencias en el desarrollo interno del portugués, aunque no sean fáciles de percibir. La proximidad estructural de las dos lenguas

Com os descobrimentos portugueses advindos de sua expansão marítima, Brown (2011, p. 15) assegura que houve uma busca por uma validação do português diante do latim e do castelhano. Por sua vez, ainda segundo Brown (ibid.), a expansão colonial de portugueses e espanhóis no continente americano gerou diversos contatos linguísticos do português e do espanhol com as várias línguas originárias e entre si, que se estendem até os dias atuais como na fronteira entre o Brasil e os diferentes países hispano-falantes, o que confirma que os empréstimos linguísticos continuam acontecendo atualmente ainda.

Assim, com base no breve histórico acima, podemos entender que tanto a língua espanhola quanto a língua portuguesa têm origens e derivações similares e essas origens e derivações tem um surgimento advindo não apenas de mudança linguística e dos contatos linguísticos, mas também das guerras e da conquista dos impérios. Isso mostra os motivos das duas línguas caminharem lado a lado, com diversas diferenças culturais e históricas, mas também com diversas semelhanças.

3.2. Cognatos, falsos cognatos, cognatos enganosos, falsos amigos e heterossemânticos

Como vimos no item anterior, os contatos frequentes entre o espanhol e o português produziram empréstimos entre ambas as línguas que recebem nomes variados na literatura sobre o tema. Acreditamos que é necessário, antes de qualquer coisa, definir o que são essas variadas denominações: cognatos, falsos cognatos, falsos amigos, cognatos enganosos e heretossemânticos. Dessa forma, conheceremos as possíveis origens destes termos e o que cada um deles pressupõe.

3.2.1. Cognatos, falsos cognatos e cognatos enganosos

Em pesquisas em dicionários de espanhol e português, Pacheco Vita (2005, p. 30) encontrou definições para cognato, que ela condensou da seguinte forma: “vocabulário que tem origem comum com outros” (ibid.), ou seja, são palavras de línguas diferentes que saíram de uma mesma raiz.

Sobre o termo “falsos cognatos”, Pacheco (2005, p.30) diz que, apesar do largo uso, não encontrou nenhuma referência aos eventuais pesquisadores que o tenham cunhado.

Fizemos uma busca, no Google Acadêmico, de estudos posteriores ao de Pacheco Vita que falassem sobre cognatos, falsos cognatos e falsos amigos, a fim de encontrar uma definição para este termo e conferir se as afirmações de Pacheco Vita continuam sendo válidas. Nessas buscas não encontramos pesquisadores que tenham descoberto a origem do termo “falso cognato”, mas encontramos mais de um autor que relacionou este termo como um sinônimo de “falsos amigos”, um termo que abordaremos no próximo item.

facilitaba la incorporación de elementos del castellano al portugués cuando éstos se ajustaban a las características funcionales de esta última lengua, sin embargo, tales incorporaciones pasan a veces desapercibidas porque también podían ser resultado de un desarrollo autónomo en cuanto a que corresponden a las virtualidades productivas del portugués”.

Mesmo assim, não nos parecia adequado simplesmente associar ambos os termos, por esse motivo procuramos mais alguns artigos e nos deparamos com o artigo de Marilei Sabino (2006), no qual há uma visão diferente da que apresentou Pacheco Vita. Sabino (2006, p. 252) nos mostra que em suas pesquisas pelo significado de “falso”, a grande maioria remete a algo que seja “não verdadeiro”, “dissimulado”, “fictício”, “sem fundamento”, “errado”, “aparente”, “imitado”. Dessa forma, se somamos “falso” a “cognato” atribuiríamos suas mesmas conotações negativas a vocábulos que tiveram uma origem em comum (cognatos), mas que, por causa de evoluções, adquiriram significados diferentes e isso não lhe pareceu uma designação apropriada.

Para fundamentar seu argumento, Sabino (2006, p. 252) nos apresenta nove definições de “falso” para que entendamos que os vocábulos com a mesma origem, mas com significados diferentes, só podem ser classificados como falsos cognatos contanto que:

[...] falso, nesse caso, seja entendido exclusivamente como “enganoso, traiçoeiro, infiel”, ou seja, cognatos enganosos ou traiçoeiros, dados os sentidos diferentes que ambos os termos ou um só deles passaram a ter, vistos diacronicamente, ou ainda, cognatos infieis quanto aos sentidos que ambos possuíam em sua origem. (SABINO, 2006, p. 252)

Desse modo, podemos dizer que, para que um vocábulo seja entendido como falso cognato, ou até mesmo como cognato enganoso, é preciso que seu significado tenha passado por mudanças conforme o passar dos tempos, fazendo com que seu significado, nos dias atuais, seja parcialmente ou completamente diferente do que era no início, e isso pode acontecer com um ou mais vocábulos que tenham algum nível de semelhança.

Apesar de clara em sua proposta, Sabino (2006) adverte que “falso” possui muitos significados e isso pode gerar uma ambiguidade na hora da interpretação, por isso ela conclui dizendo que “essa expressão é perfeitamente aceitável somente para aqueles vocábulos que não possuem origem comum, mas que são formalmente semelhantes, podendo induzir a erros de interpretação de sentidos” (SABINO, 2006, p. 253).

Assim, para Sabino (2006, p. 256):

falsos cognatos são unidades lexicais pertencentes a duas (ou mais línguas) distintas que, apesar de serem provenientes de étimos diferentes resultaram – em consequência das evoluções fonéticas que sofreram, ao longo do tempo – em unidades lexicais ortográficas e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, embora seus valores semânticos sejam bastantes distintos. (Grifos da autora)

Com base nessa definição, Sabino (2006) levanta alguns exemplos de pares de vocábulos em inglês/português. Aqui, entretanto, dados os objetivos de nosso trabalho que estão relacionados aos vocábulos em espanhol/português e ao léxico da área de Secretariado e afins, propomos os seguintes termos, a título de exemplo:

Português	Espanhol
Assinatura	Firma
Demissão	Despido
Escritório	Oficina

Outra pesquisadora que também vai na mesma linha de Sabino (2006) não concordando com a equivalência entre “falsos amigos” e “falsos cognatos” é Ana Brown (2011), que em seu estudo sobre cognatos, falsos cognatos e falsos amigos do espanhol/português ela explora a definição de cada um deles da seguinte forma:

[...] temos por um lado a definição de **cognato**, que inclui como categoria a origem etimológica comum sem empréstimo, os **falsos amigos**, que teriam origem etimológica comuns e poderiam ser emprestadas e **falsos cognatos** que excluem a etimologia comum e não podem ser empréstimos.² (BROWN, 2011, p. 18, grifos nossos).

Procurando entender o que diz Brown na citação acima recorreremos ao dicionário de Linguística e fonética, de David Crystal (1988), no qual ele define “etimologia (etimológico)” como um “um termo tradicionalmente usado para o estudo das origens e a história da FORMA e da SIGNIFICAÇÃO das PALAVRAS (CRISTAL, 1988, p. 101, maiúsculas do autor). No mesmo dicionário, ele também define “empréstimo” como um “termo usado na linguística HISTÓRICA e COMPARADA para indicar as formas linguísticas tomadas de uma outra língua ou DIALETO” (CRISTAL, 1988, p. 93, maiúsculas do autor), ou seja, retirar uma palavra de seu lugar de origem e implantá-la em outro lugar se apropriando de sua forma de escrita e significado.

Isso posto, podemos dizer que quando a pesquisadora (BROWN, 2011, p. 18) menciona que os cognatos têm uma origem etimológica, sem empréstimo, ela quer dizer que essas palavras compartilham uma origem comum, tanto em sua forma, como em seu significado, entretanto elas não foram emprestadas ou retiradas de outra língua e acrescentada na nossa. No caso dos falsos amigos, temos também essa mesma origem comum, no entanto, alguns deles podem ser tirados ou emprestados de outras língua, terem a mesma forma de escrita, e talvez de fala, mas terem origens diferentes. Por fim, falsos cognatos não teriam uma origem comum, mas também não são retirados ou emprestados de outras línguas.

3.2.2. Falsos Amigos

De acordo com Pacheco Vita (2005, p. 30), o conceito de falsos amigos foi criado por Maxime Koessler e Jules Derocquigny no livro *Les Faux-Amis ou Les trahisons du vocabulaire anglais*, de 1928, portanto, este termo tem origem francesa. Mounin, em seu *Dictionnaire de la Linguistique*, confirma essa versão:

² Tradução nossa; original: “(...) tenemos por un lado la definición de **cognados**, que incluye como categoría el origen etimológico común sin préstamo, los **falsos amigos**, que tendrían orígenes etimológicos comunes y podrían ser préstamos y **falsos cognados** que excluyen la etimología común y no pueden ser préstamos”.

Falsos amigos: empregado pela primeira vez por Koessler e Derocquigny, designa palavras de etimologia e de forma parecidas, mas de sentido parcial ou totalmente diferente (...).³ (tradução nossa) (MOUNIN, 1974, p.139)

Assim sendo, falsos amigos são palavras de duas línguas que derivam de uma mesma raiz e possuem formas parecidas, entretanto elas apresentam um sentido diferente.

3.2.3. Heterossemânticos

Em relação aos heterossemânticos, assim como ocorreu com os falsos cognatos, não encontramos a origem precisa desse termo. Apesar disso, segundo Pacheco Vita (2005, p. 31), é possível que esse termo tenha aparecido por primeira vez na *Gramática para uso dos brasileiros* (1934), de Antenor Nascentes, uma vez que foi nessa obra que ela encontrou referência a esse conceito. Outro motivo que fez com que a pesquisadora pensasse que o termo tenha se originado nessa obra foi a busca que ela realizou na internet e deu como resultado *sites* sobre o ensino de espanhol no Brasil (PACHECO VITA, 2005, p. 31-32).

Como a pesquisa realizada em sites por Pacheco Vita foi em 2005, assim como fizemos no caso do termo “falsos cognatos”, resolvemos checar se o que ela diz ainda se sustenta nos dias de hoje (2023).

Em nossas pesquisas, vimos alguns artigos classificando heterossemânticos como sinônimos de “falsos cognatos” e, assim como Pacheco Vita, encontramos essa denominação em sites de ensino de espanhol no Brasil. Entretanto, em nossas pesquisas, nos deparamos com o trabalho de Silveira (2008).

Em seu trabalho Silveira (2008, p. 14) nos mostra que os heterossemânticos são vocábulos muito semelhantes na grafia e na pronúncia, mas que possuem significados diferentes em ambas as línguas. Além disso, Silveira (2008, p. 14) diz que os estudos de Andrade Neta (2007) apontam uma divisão tripartite nas classificações dos heterossemânticos, propostos por Fernandez Bechara e Gustavo Moure.

A primeira delas ocorre quando formas semelhantes com significados completamente distintos, isso é, quando um vocábulo é igual em ambas as línguas, mas possuem significados diferentes um do outro. Um exemplo citado por Silveira (2008, p. 15) é a palavra “berro” que em português é um grito, enquanto em espanhol remete ao vegetal conhecido como “agrião” em português.

A segunda divisão ocorre quando formas são semelhantes e possuem um ou mais significados semelhantes e outro ou vários outros distintos, isso é, quando um vocabulário é igual em ambas as línguas, tanto na escrita e fala como no significado, mas ele também

³ No original: “**fauxamis**, employé pour la première fois par Koessler et Darocquigny, désigne des mots d’étymologie et de forme semblable mais de sens partiellement ou totalement différents” (MOUNIN, 1974, p.139).

tem outros significados que não correspondem com o português ou com o espanhol. Um exemplo citado pela autora é a palavra “acordar” que tanto em português quanto em espanhol pode significar “o ato de estar de acordo”, que também pode apresentar significados muito diferentes em ambas as línguas, uma vez que em português também é sinônimo de “despertar-se”.

A terceira divisão é quando as formas são semelhantes, mas o significado é diferente no uso atual, ou seja, aquelas palavras que possuem uma origem em comum e que já chegaram a compartilhar o mesmo significado nas duas línguas anteriormente. Como exemplo, Silveira (2008, p.15) nos apresenta a palavra “latir”, proveniente do latim que significava “o pulsar ou latir do coração” e ao mesmo tempo descrevia “o ladrar” dos cachorros, porém o português manteve para a palavra “latir” apenas o significado de “ladrar”, enquanto o espanhol manteve o sentir, ou seja, “latir” em espanhol é “o bater do coração”.

Compreender o uso correto destes termos é algo importante para aqueles que estão aprendendo espanhol, dessa forma evitariam alguns deslizes cometidos pelos iniciantes. Para isso, é necessário que haja consenso entre aqueles que estudam este assunto, consenso esse que não se vê, como bem constata Costa (2020), em seu artigo para a revista *Entrecaminos*, no qual ela realizou uma revisão sistemática sobre o tema, em que conclui que não existe concordância entre os estudiosos:

[...] por um lado há quem considere a etimologia para identificação do fenômeno, por outro, existem aqueles que desconsideram a importância etimológica, e um terceiro grupo que inclui tanto os vocábulos de étimo comum quanto aqueles que não possuem a mesma origem. (COSTA, 2020, p. 187)

Em nossa busca notamos um leve acordo entre Brown (2011), Pacheco Vita (2005), Sabino (2006) e Silveira (2008). Entretanto, analisando a partir de uma perspectiva prática, mesmo que não seja a forma correta, notamos que falsos amigos e falsos cognatos, podem ser considerados sinônimos, sendo assim, neste trabalho, vamos considerá-los como sinônimos de heterossemânticos e optamos por nos referir a eles como “falsos congatos”.

3.3. Análise do Discurso

A Análise do Discurso (ou Análise de Discurso) é uma área de estudo que surgiu na França em meados de 1960, seu fundador foi Michel Pêcheux, ele e seu grupo de pesquisa questionavam a Análise de Conteúdo realizada pelas Ciências Sociais.

Eni Orlandi, que foi uma divulgadora do pensamento de Pêcheux no Brasil, traduzindo algumas de suas obras para o português, em seu livro “Análise de Discurso – Princípios e procedimentos” (2015, p. 17), nos explica que na Análise do Discurso, ao analisarmos um texto, não queremos compreender apenas o que ele está dizendo, mas de que forma ele funciona produzindo efeitos de sentido (conceito que definiremos mais adiante), ou

seja, “como este texto significa?”. A Análise do Discurso, ainda segundo Orlandi (ibid., p.16), não trabalha com a língua como se ela fosse um sistema abstrato, mas sim, com maneiras de significar, assim considerando as produções de sentido e as condições de produção (conceito que definiremos no próximo item) que fazem parte de nossas vidas.

Dessa forma para recuperar o que foi rejeitado pela Linguística, a Análise do Discurso tem relação com outros campos do saber como o Marxismo, a Psicanálise e a própria Linguística. Orlandi (2015, p. 20) procura delimitar o campo de atuação da Análise do Discurso dizendo que:

[...] não se reduz ao objeto da Linguística, sem se deixar absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

E o que é discurso, então? É nos ensinado que a língua funciona no esquema da comunicação (emissor – mensagem em código - receptor - decodificação da mensagem), o qual, conforme nos mostra Orlandi (2015, p. 19), consiste em: nós (emissores) falamos algo (mensagem/informação) formulado em um código a outra pessoa (receptor) que vai receber esse algo (mensagem/informação) e decodificá-lo. Para a Análise do Discurso, entretanto, a língua não é só um código decodificado pelo receptor, já que ambos, emissor e receptor, ao mesmo tempo, estão dando significados a todo o processo. Nesse sentido, Orlandi (2015, p. 19) ressalta que:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentido e não meramente transmissão de informação.

E para demonstrar que a Análise do Discurso se afasta do esquema da comunicação Orlandi (2015, p. 19-20) argumenta que:

A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.

A partir disso podemos dizer que o discurso está constituído de sentidos advindos da relação entre os sujeitos e entre esses e a história e a sociedade.

Para melhor entendermos essas relações apresentamos alguns conceitos da Análise do Discurso que mobilizaremos na análise das entrevistas que faremos posteriormente.

3.3.1 Condições de produção

Como nos explica Orlandi (2015, p. 28), as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”, além da memória. Dessa forma, ainda com base em Orlandi (2015, p. 28-29), podemos considerá-las, em sentido estrito, como o contexto imediato (as circunstâncias da enunciação) e, em sentido amplo, o contexto sócio-histórico (ideológico).

O contexto imediato remete ao enunciado (formulação) proferido, ao gênero discursivo que restringe o que pode ser dito ou não, aos papéis dos sujeitos da enunciação. O contexto amplo, por sua vez, se refere ao contexto social e político em que o sujeito está inserido, considerando inclusive as instituições às quais ele pertence ou nas quais circula como, por exemplo, a universidade, a empresa, as mídias sociais. Esses contextos acionam memórias em relação à língua, tal qual as representações em relação às situações ocorridas em outros momentos históricos, o que Orlandi (2015, p. 29) chama de:

[...] memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” [...] (ORLANDI, 2015, p. 31).

Assim sendo, as memórias são geradas com base nos discursos que já foram ditos, mas que não são propriedade do sujeito, tendo em vista que já foram utilizados em algum outro momento na história e dessa forma a fala se torna algo livre de propriedade e de uso unilateral do sujeito. Tudo isso é levado em consideração na formulação do significado.

3.3.2 Pré-construído

No “Dicionário de Análise do Discurso” de Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 401), o pré-construído é definido como “a marca, no enunciado, de um discurso anterior” e é associado a um sentimento de evidência do enunciado, porque como foi dito antes (já-dito) não nos preocupamos com quem o disse (enunciador). Pêcheux (2009, p. 89), por sua vez, diz que o termo pré-constituído foi proposto por Paul Henry “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”. Mais adiante, Pêcheux redefine o conceito dizendo:

[...] o pré-construído [...] remete simultaneamente “àquilo que todo mundo sabe”, isto é, aos conteúdos de pensamento do “sujeito universal” suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma “situação” dada, pode ser e entender sob a forma das evidências do “contexto situacional”. (PÊCHEUX, 2009, p. 158-159)

Como exemplo, Pêcheux (ibid., p. 158) sugere discursos com expressões que anunciam um pré-construído: “como dissemos”, “como todo mundo sabe”, “como todo mundo pode ver”.

3.3.3 Efeito de sentido

O efeito de sentido se refere ao impacto ou efeito causado por um discurso nos interlocutores, podendo gerar interpretações não intencionais, fazendo com que algo possa ser compreendido de forma diferente, como bem nos mostra Orlandi:

[...] Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. [...] Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. (ORLANDI, 2015, p. 28).

Dessa forma, os efeitos de sentido remetem à possibilidade de ambiguidade do discurso de acordo com a exterioridade do dizer. Em outras palavras, o que dizemos pode ter significados para além do que queremos dizer, independentemente de nossa intenção.. O trabalho do analista, então, é recuperar esses significados por meio de vestígios deixados no texto.

3.3.4 Paráfrase e polissemia

De acordo com Orlandi (2015, p. 34) tudo o que dissemos se sustenta em dois pilares que se confrontam entre si: a paráfrase e a polissemia. Ainda segundo a pesquisadora (ibid.), a paráfrase é a memória, ou seja, a possibilidade de dizer o mesmo, de se apoiar em palavras já ditas; enquanto a polissemia representa o novo, ou seja, o deslocamento ou a ruptura dos processos de significação, movimentando os sentidos, o que abre a possibilidade do equívoco.

A relação tensa entre paráfrase e polissemia gera a possibilidade de que “os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros; todavia nem sempre o são” (ORLANDI, 2015, p. 35). Isso significa que os sentidos não são dados, nem acabados, são construídos na relação com o interlocutor de acordo com a maneira como os sujeitos são afetados pela língua (efeitos de sentido) e de como acionam as condições de produção.

Posteriormente, mobilizaremos esses conceitos da análise do discurso ao fazer a análise das entrevistas, para uma melhor visualização de como são aplicados na prática.

3.4. Considerações sobre o erro

3.4.1. Conceito de Erro e Análise de Erros

Quando pensamos ou falamos em erro, o remetemos a ambiguidades e dúvidas, assim, a palavra erro nos leva nos para ideias de inadequação, afastamento, incorreção. Entretanto, com relação às normas ou regras ao se aprender uma L1 ou L2 (L1 - Primeira língua estrangeira; L2 - Segunda língua estrangeira) observamos que o erro ocorre quando o aprendiz ainda não detém o conhecimento da língua estrangeira e, assim, ele acaba

recorrendo a elementos de sua própria língua, de outras, ou até da mistura de línguas para se fazer entender.

Durante nossos estudos sobre a Análise de Erro, conseguimos entender que o erro não é algo fácil de ser analisado, ou de ser realmente identificado, pois o principal motivo dos erros dos aprendizes de uma nova língua é o uso de características da língua materna para a língua que se está aprendendo.

Segundo Figueiredo (2023, pág. 54), os autores consideram o erro como uma estratégia utilizada pelos indivíduos no processo de aquisição da L1, ou seja, ele é tratado como uma hipótese formulada pelas pessoas para atingir a forma convencionada. Os erros, nessa perspectiva, são vistos como algo positivo, como um resultado natural no processo de aquisição da língua. Assim devemos entender que o erro na aquisição de uma L1, ou L2, é entendido como algo muito positivo na aquisição de uma nova língua, mesmo que essa associação pareça errada, ela ajuda o aprendiz a entender por comparações uma nova língua.

Para Fernández (1997), a Análise de Erros para aprendizes de uma L1 ou L2 abarca todo o sistema da língua, compreendendo o léxico, a morfossintaxe, o discurso e a fonologia. O objetivo é mostrar, de forma ampla, os mecanismos, as dificuldades e os eixos envolvidos no processo de aprendizagem de uma L1 ou L2, por falantes não nativos. A autora demonstra a necessidade permanente de novos trabalhos científicos nesta área.

Todo o trabalho de Fernández, se desenvolve a partir do seguinte questionamento:

Cada grupo, de acordo com sua língua materna e sua idiosincrasia, produz uns erros próprios, um tipo de linguagem representativo, utiliza estratégias especiais e segue um processo evolutivo singular, ou ao contrário, esses erros, linguagem, estratégias e evolução são universais, comuns aos diferentes GLM [grupo de língua materna]? (FERNÁNDEZ, 1997, p. 10)⁴

Assim, a questão que ela apresenta é se cada grupo, de acordo com sua língua materna e suas peculiaridades, teria seus próprios erros e suas próprias estratégias que seguiriam uma evolução singular ou esses elementos são universais para grupos de línguas maternas diferentes. Isso demonstra que é preciso compreender melhor a concepção de erro.

Nessa linha de raciocínio, Fernández (1997, p. 75) destaca que a nova abordagem de erro proposta pela Análise de Erros foi a mais importante revolução dessa corrente. Antes, o erro no modo contrastivo, ou seja, a comparação do estudante com sua língua materna,

⁴ No original: “¿Cada grupo, de acuerdo con su lengua materna y su idiosincrasia, produce unos errores propios, un tipo de lenguaje representativo, utiliza unas estrategias especiales y sigue un proceso evolutivo singular, o por el contrario, esos errores, lenguaje, estrategias y evolución son universales, comunes a los distintos GLM [grupo de lengua materna]?” (FERNÁNDEZ, 1997, p.10)

era algo a ser evitado, mas essa nova concepção considera o erro uma oportunidade de aprendizado e evolução, representando uma mudança significativa na forma de compreender o erro.

Sendo assim, conforme Durão (2004, p. 50), o erro passou a ser visto como uma etapa obrigatória no processo de aprendizagem de uma nova língua e uma forma de medir o nível de progresso no aprendizado dessa língua. Desde que essa nova visão foi proposta, diversos teóricos têm tentado formular definições para os erros, o que traremos a seguir.

A própria Durão (2004, p. 51) define o erro dizendo que corresponde ao uso de elementos linguísticos ou pragmáticos que dificultam ou impedem a compreensão de uma mensagem. Essa forma de visualizar o erro é a que mais se aproxima da que utilizaremos na análise das entrevistas.

Santos Gargallo (2004, p. 130), por sua parte, considera o erro um desvio da norma da língua meta, que inclui tanto aspectos propriamente linguísticos, como aqueles que afetam a adequação ao contexto ou às normas socioculturais da comunicação, mesmo assim, fazem parte do sistema de línguas do aprendiz e são inevitáveis e necessários. A autora (ibid.), então, defende que o erro cometido por um aprendiz de uma L1 ou L2 é uma tentativa do aluno em produzir uma norma da L1 ou L2, usando assim um conjunto de regras não corresponde em si ao de sua LM (língua materna), nem o sistema da língua meta. Dessa forma, é possível afirmar que a formulação de regras para os alunos que aprendem uma língua estrangeira não é idêntica à produzida por um falante nativo, há durante o processo de aprendizagem algumas regras independentes, que são consideradas erros, por não pertencer ao sistema de língua meta.

A partir dessas definições podemos concluir algumas ideias importantes acerca do erro. Inicialmente, notamos que o erro pode ser entendido como um desvio ou afastamento da norma linguística. No entanto, é importante reconhecer que o erro não se limita ao aspecto linguístico, podendo estar presente em outras dimensões do processo de aprendizagem. Além do mais, enquanto antes o erro era considerado algo a ser evitado, atualmente há um certo consenso de que ele pode ser um indício do caminho utilizado pelo aluno para a aquisição de uma nova língua, representando um progresso na aquisição de uma L1 ou L2.

Após estas breves considerações sobre o erro podemos afirmar que o erro comunicativo é o objeto de um estudo que busca, através da observação empírica da produção linguística, compreender o processo de aquisição ou estudo de uma língua estrangeira.

3.4.2. Contenção da polissemia

Conforme Celada (2010), a Análise do Discurso, vê o erro como uma oportunidade exploratória para outros sentidos da palavra. Como uma abertura de outras maneiras de interpretação de um discurso, mas que para isso necessita localizar o contexto social presente para compreensão e análise da interação. A Análise do Discurso busca entender

o contexto em que o “erro”, entendido como “marcas” que devem ser interpretadas, está inserido, como explica no fragmento abaixo:

[...] O leitor notará que quando dizemos marcas, nos distanciamos epistemologicamente do conceito de “erro”; a finalidade é buscar interpretações para elas, pois na análise podem responder a um paradigma discursivo [...]. (CELADA, 2010, p. 48. Tradução nossa.)⁵

Dessa forma, vemos que a polissemia que se refere à capacidade de uma palavra remeter ou ter vários outros significados além do seu significado de origem, é uma característica inerente à linguagem, principalmente quando se tratam de duas línguas que compartilham muitas semelhanças, como é o caso do espanhol e do português, como já dissemos. No entanto, essa profusão de significados deve ser contida para evitar equívocos e possamos nos entender. Essa contenção pode ser dada pela compreensão do contexto em que a interação está ocorrendo, por exemplo.

3.4.3. O erro no ambiente laboral

Hierarquia é algo que está a nossa volta, na família, na escola. Freitas (2008, p. 2193) nos mostra que a hierarquia está presente no trabalho também:

[...] Tom Dwyer constrói sua teoria dos acidentes industriais enquanto erros produzidos socialmente, conceituando que as relações entre os trabalhadores em seus ambientes de trabalho são gerenciadas por meio de relações sociais de trabalho.

Neste texto o autor fala sobre os acidentes industriais, mas podemos trazer essa reflexão para o ambiente administrativo também, ao dizer que esses erros são produzidos socialmente, e que as relações entre trabalhadores e o ambiente de trabalho é gerida por meio de relações sociais. Isso posto, podemos inferir que quanto mais alto é o nível social da pessoa com quem trabalhamos, mais pressão temos em nosso trabalho e as chances de erros podem crescer.

Muitos veem esses erros como falhas, mas podemos ver os erros comunicativos como oportunidades para examinar as formas de comunicação e interação pautadas por relações hierárquicas no ambiente corporativo, uma chance de aprendizado mútuo. No entanto, para que isso ocorra, é necessário pessoas que consigam retomar o que chamam de trabalho em equipe: partindo do diálogo, um auxilia o outro, sem importar o nível hierárquico de cada um, aumentando as experiências de todos e diminuindo os erros.

Nessa perspectiva, os erros passam de meras falhas individuais a momentos propícios para a transformação organizacional por meio da comunicação.

⁵No original: [...] El lector notará que cuando decimos marcas, nos distanciamos epistemológicamente del concepto de “error”; la finalidad es buscar interpretaciones para las mismas pues en el análisis pueden responder a un paradigma discursivo. [...] (CELADA, 2010, p. 48).

4. Análise das Entrevistas

Tendo em mente tudo o que vimos de forma teórica, iniciaremos as análises das entrevistas realizadas com dois profissionais da área administrativa, um coordenador e uma secretária executiva. Nossa primeira entrevista foi feita com um homem que iremos denominar apenas como “entrevistado”, que traz em seu currículo uma excelente formação, e que hoje ocupa o cargo de gestão administrativa em uma grande empresa. Nossa segunda entrevista foi feita com uma mulher, que iremos denominar apenas como “entrevistada”, que possui uma formação de excelência, e ocupa o cargo de secretária executiva.

Ambos foram entrevistados tendo como guia breves perguntas, as quais já mencionamos no item Metodologia, e um espaço de tempo considerável para que assim pudessem contar suas histórias/ experiências. Aqui procuramos focar nas narrativas dos entrevistados, que contariam alguma situação pela qual passaram envolvendo falsos cognatos e afins.

Tendo como base, principalmente, a Análise do Discurso e as considerações sobre os erros, conforme descrevemos no item 3.3 e 3.4 da Fundamentação Teórica, procederemos à análise das duas entrevistas.

4.1. Entrevista nº1

A entrevista foi feita de forma semiestruturada, como já dissemos, e foi realizada no dia 10 de maio de 2023, pelo aplicativo WhatsApp. A entrevista foi gravada, tanto em vídeo como em áudio, para que pudéssemos coletar dados suficientes para realizar a análise da entrevista. Entretanto, devido a falhas técnicas, foi necessário a regravação da entrevista, via áudio, no dia 13 maio de 2023. Tanto as gravações como as perguntas desta entrevista foram realizadas por uma das integrantes desta pesquisa (Paula).

Considerando as condições de produção, o entrevistado desempenha a função de coordenador trilingue, cujas línguas que têm domínio são: português brasileiro (LM), inglês (L1) e espanhol (L2). Ele trabalha em um escritório que presta serviços para uma companhia aérea. Antes disso, o entrevistado trabalhou como coordenador de uma plataforma de transporte particular de passageiros.

Para esta entrevista, ele se centrou em uma situação que lhe ocorreu, no caso, uma reunião para a montagem de uma apresentação de resultados mensais, na qual ocorreu um pequeno erro originado devido a um falso cognato. Na ocasião, ele conversava com clientes espanhóis, quando, de acordo com ele:

[...] Teve uma hora que a gente estava montando um gráfico daí eu falei se a gente poderia colocar uma “seta” no gráfico, né. Eu disse no momento: “¿Podemos poner una seta en lo gráfico?” Aí quando eu falei isso ninguém entendeu bem, né. Aí teve duas pessoas que começaram a rir. Aí eu repeti, achei que tinha acabado de falar uma palavra diferente: “¿Podemos poner una seta en lo gráfico para

continuar con la presentación?” E ficou assim. Foi quando eu peguei e parei e eu mesmo entendi que alguma palavra tava errada e na mesma hora eu digitei no Google, pelo computador, a frase que eu tinha acabado de falar. E descobri que “seta” era “cogumelo” e o certo seria eu falar “¿Podemos poner una flecha en lo gráfico?” Então, isso foi um falso amigo que eu acabei é confundindo. [...] Não me senti retraído, como são situações que também por pouco tempo que eu aprendia o idioma, a gente acaba passando e foi mais uma situação engraçada, e de aprendizado porque eu acabei conhecendo um novo falso amigo da língua [...].

Como podemos ver, o trecho acima nos mostra o falso cognato que levou a uma incompreensão da frase por parte dos interlocutores, como o próprio entrevistado explica, a palavra em questão foi “seta” que em espanhol significa “cogumelo”, um significado diferente do que nós, falantes da língua portuguesa, atribuímos a essa palavra. O próprio entrevistado demonstra ter conhecimento de que a palavra em questão é um falso cognato, ou um falso amigo como ele mesmo chama.

Nesta entrevista pudemos notar que o entrevistado utiliza em sua fala um pré-construído, “o que todo mundo, de certa forma, sabe”, pois podemos dizer que nosso entrevistado sabe que os falsos cognatos são comuns entre o português e o espanhol, e que como “todo mundo” sabe disso, “de certa forma”, portanto, eles são naturalmente perdoáveis. Neste caso vemos que foi algo de pouca importância, que acabou arrancando risos dos envolvidos sem maiores problemas para o entrevistado.

Os efeitos de sentido deste equívoco ou os impactos que a palavra “seta” causou nas pessoas presentes na reunião foi que elas ficaram em silêncio, num primeiro momento, o que fez ele imaginar que não o tinham escutado. Isso causou surpresa ao entrevistado, por isso, ele repetiu a frase. Foi apenas a partir dos risos dos interlocutores nesse momento que ele percebeu que não tinha sido compreendido. A descoberta do significado de “seta” em espanhol, por meio do Google (Tradutor, possivelmente) não fez com que o entrevistado se sentisse envergonhado, já que ele se justifica dizendo que era um estudante inicial de espanhol e que é normal cometer erros nessa fase.

Nos interlocutores, o efeito de sentido de estranhamento, não propiciou uma compreensão de imediato, já que é possível que tenham se questionado entre si, ou apenas em pensamento, o que faria um cogumelo em um gráfico.

Com relação à polissemia, vemos que a palavra “seta” não correspondia em forma e som à do espanhol que descrevia o mesmo objeto em português brasileiro, ela tinha outro significado que ele desconhecia no momento, mesmo já possuindo algum conhecimento do espanhol.

O que podemos concluir da análise empreendida nesta entrevista é que o erro apresentado pelo entrevistado se deve a uma transferência de um termo de sua língua materna e foi

entendido por ele como uma oportunidade de aprender uma nova palavra, o que vai ao encontro à nova forma que as teorias sobre o erro o caracterizam atualmente.

4.2. Entrevista nº2

Em nossa segunda entrevista, levando em conta as condições de produção, tivemos como entrevistada, uma secretária executiva, formada em Secretariado Executivo Trilíngue que possui fluência nos idiomas a seguir: português brasileiro (LM), inglês (L1) e espanhol (L2).

Assim como a entrevista anterior, tivemos uma entrevista semiestruturada que contou com perguntas pré-estabelecidas. A entrevista teve duração de, aproximadamente, 12 minutos. Esta, ocorreu na data de 04 de maio de 2023, via chamada de vídeo pelo aplicativo WhatsApp. Para que pudéssemos fazer as análises do que foi dito, a entrevista foi gravada em áudio e vídeo. A entrevista contou com todas as três integrantes do grupo, sendo que Larissa ficou responsável pela gravação, enquanto as perguntas foram feitas pelas integrantes Gisele e Paula.

O episódio escolhido pela entrevistada para compartilhar conosco, aconteceu em um momento de mudança em nossas vidas, o período da pandemia de COVID-19. Esse evento, que emoldura as condições de produção desta entrevista, fornecendo o contexto amplo, foi um período de mudança para muitas pessoas, como dissemos anteriormente, afinal algumas não puderam ficar trabalhando em casa, muitas outras, entretanto, tiveram que passar suas vidas do ambiente físico para o digital da noite para o dia, e nos escritórios não foi diferente. Essa mudança nos fez vivenciar situações novas, como aprender a utilizar programas e aplicativos em nossos trabalhos para diversos fins, entre eles a realização de reuniões. Isso exigiu de todos um certo nível de conhecimento tecnológico, uma vez que problemas relacionados com tecnologia, antes disso, eram rapidamente resolvidos por terceiros, bastava chamar os técnicos do TI, entretanto, na pandemia, não tínhamos esse recurso em nossas casas. Em consequência disso, aprendemos com nossos erros e acertos.

Nossa entrevistada, em seu contexto mais imediato, se encontrava no escritório de seu assessorado, um executivo de alto escalão, durante o começo da pandemia. No momento em que preparava os aparelhos para a reunião online com pessoas da Espanha, ela disse ter pensado que seria tranquilo, que seria uma conexão “rapidinha”, bastava perguntar: “tá me ouvindo? Tá vendo bem? Cê consegue me ouvir?”. Isso demonstra que ela, naquele momento, parecia estar mais preocupada com os equipamentos eletrônicos que seriam usados na reunião do que com a língua estrangeira que ela teria que usar, já que, mesmo que por um breve instante, ela mesma comenta que há muito tempo não falava espanhol.

Queremos apontar com este comentário, no qual a entrevistada imaginava que seria muito fácil lembrar daquilo que aprendeu nos anos em que estudou a língua, que as chances de esquecermos aquilo que não usamos com certa frequência é grande, isso vale para tudo e principalmente para uma língua estrangeira como o espanhol que possui uma alta semelhança com o português, como apontamos no item 3.1. Essa semelhança pode ser traiçoeira, já que é justamente nesses momentos de “branco” que sem querer relacionamos uma língua à outra procurando a palavra que esquecemos.

Seguindo o relato, enquanto seu chefe esperava pelo seu horário de entrar na reunião, a pessoa do outro lado da chamada quis se assegurar de sua conexão e perguntou se nossa entrevistada podia vê-lo, como ela esperava, e ela respondeu que sim. Vejamos como se deu essa interação, nas próprias palavras da entrevistada neste fragmento:

[...] E aí a pessoa do outro lado da chamada [na reunião que estava ocorrendo em ambiente remoto] c: “Você consegue me ver?”. E eu falei “sim, tô conseguindo ver e tal”. E aí... ehh... em vez de eu falar “Oír”, eu falei “*Olvidar*”, de que eu fiz um link de ouvido, né. De que eu tava ouvindo a pessoa, né. Quando eu falei “*olvidar*”, “*Sí, estoy olvidando*”, ele olhou pra mim com um olho desse tamanho [a narradora faz gesto de olhos arregalados com as mãos], ele olhou assim, da janela, ele tava em pé, olhou da janela e ele acho que ele pensou: “Meu Deus do céu vergonha alheia”, né.

É importante ressaltar que a entrevistada nos conta boa parte do relato rindo, achando graça ao relembrar da situação, enquanto nós, as entrevistadoras, também rimos do erro cometido. Esse riso compartilhado durante a entrevista, numa interpretação posterior do ocorrido, desloca o julgamento que poderia ter acontecido, transformando o erro em algo divertido. De forma semelhante, vemos que para seu chefe o erro não foi algo muito ruim, pareceu que foi muito mais inesperado e estranho do que relevante.

Nessa parte da entrevista podemos encontrar dois efeitos de sentido diferentes, o primeiro foi a fala dela, que causou um certo espanto em seu chefe, o segundo foi os olhos arregalados do chefe para ela, pois, com esse gesto, a entrevistada notou seu erro e lembrou da palavra correta, como ela nos conta a seguir:

Na hora que ele olhou eu saquei na hora, eu falei: “gente, *olvidar* é esquecer, né, não tem nada a ver com ouvir, né”, de ouvido, tal. Só que eu só me liguei quando ele olhou pra mim, quando ele olhou que aí eu me liguei que eu tinha feito essa besteira, essa troca. Mas enfim, ele não me corrigiu, não ficou bravo, não ficou com cara nenhuma, mas só o olho dele, só o olhar assim que você conhece a pessoa, trabalho há muitos anos com ele, só dele olhar já foi o suficiente pra eu ver que tinha feito besteira, né. [...]

Confirmando o que dissemos anteriormente, foi graças ao olhar que ele lançou naquele momento que fez com que ela caísse em si e se lembrasse da palavra correta. Neste ponto vemos que o efeito de sentido não está apenas em um texto ou nas palavras que proferimos, podemos tê-lo em um simples gesto, como um arregalar de olhos. Vale

lembrar que ela conseguiu atribuir esse sentido ao gesto, porque, como ela mesma disse, eles trabalham juntos há muitos anos, ele a conhece bem

Ainda quanto aos efeitos de sentidos, embora a pessoa da Espanha com quem a entrevistada conversava na ligação não tenha dito nada, é provável ela que tenha achado estranho e os demais ouvintes tenham achado pouco aceitável aos seus ouvidos o que escutaram. Isso pode ter acontecido porque, como o assessorado em questão é um executivo de alto escalão, esperavam dele, como a sociedade de forma geral espera de pessoas de “alto nível”, que tenham assessores que façam jus à importância social do assessorado, ou seja, que tenham certas habilidades e não cometam erros considerados básicos ou erros de principiantes, como foi o caso da entrevistada.

Ao final da entrevista, perguntamos à entrevistada como ela se sentiu quando percebeu que aquele olhar significava que ela tinha feito uma “besteira”. Sua resposta foi:

Me senti envergonhada, gente é uma coisa tão básica, mas há muito tempo eu não falava, estava destreinada e eu não sei, eu fiz esse link né, de *olvidar* com “ouvido” e falei, gente nada a ver, né. E eu me senti bastante envergonhada e eu pensei, gente eu preciso tomar uma repaginada, pegar de novo minhas coisas de espanhol pra retomar. Na verdade, o espanhol, a gente tem a sensação que ele se assemelha com o português e que é tranquilo que a gente não precisa fazer nada, então, você acha que se você colocar um *ito, ita* no final de qualquer coisa que vai funcionar, né. Então, é engraçado isso.

Analisando essa parte da entrevista, além do que vimos na história contada por ela, vemos que o falso cognato utilizado por ela nessa situação, o qual é nomeado por ela como “besteira” ou “troca”, foi a palavra *olvidar*. Lembrando que, como dito antes, o espanhol e o português têm uma semelhança traiçoeira, causando uma ilusão de facilidade, que nos faz recorrer a certos “links” entre ambas as línguas, a fim achar uma palavra em específico, e esses “links” podem acabar nos levando ao erro.

Foi essa falsa facilidade que fez com que nossa entrevistada relacionasse a palavra *olvidar* (“esquecer” em espanhol) com ouvido (palavra usada em sua LM). Certamente, isso aconteceu por causa de uma certa similaridade fonética entre as duas palavras. Assim, convicta de que sua associação estava certa, ela acabou falando para a pessoa do outro lado da ligação “Sim, estou *esquecendo*” ao invés de “Sim, estou *ouvindo*”.

No momento em que a entrevistada cita a situação em que ela associa a palavra *olvidar* com ouvido, vemos que ocorreu uma polissemia da palavra. Esse desliz resultou em uma mudança de sentido na frase, o que compromete a compreensão na conversa entre os interlocutores.

Anteriormente dissemos que encontramos dois efeitos de sentido, o espanto do chefe e o olhar que ele lançou para ela, mas, no decorrer da entrevista, nos foi revelado mais um que consideramos importante citar: a situação em si “mostrou” para a entrevistada que ela precisava voltar a estudar a língua, o mesmo aconteceu com o entrevistado.

Outro fator de destaque, foi o comentário da entrevistada de que costumamos atrelar as terminações “ito” e “ita” no final de cada frase e acharmos que estamos falando em espanhol, um pensamento comum entre aqueles que estão aprendendo a língua é pensar que espanhol é “fácil”. Podemos considerar isso como um pré-construído, isso é, uma ideia corriqueira que falantes do português brasileiro têm a respeito do espanhol: acreditam que simples mudanças no final de uma frase sejam responsáveis para auxiliar na compreensão, já que o espanhol seria fácil.

É importante frisar que a entrevistada conta sua história de forma calma, principalmente quando fala sobre o erro, em tom de brincadeira, fazendo todas nós rirmos. Isso mostra que essa situação em específico não afetou em nada seu trabalho, mas seria prudente observar que ela e seu chefe se conhecem há anos, ele sabe das competências dela e de suas habilidades linguísticas, seja no inglês seja no espanhol, mesmo que esse último idioma ela não estivesse usando muito ultimamente. Esse conhecimento prévio entre eles, pode ter sido um dos motivos do impacto não ter sido maior ou mais traumático, se assim podemos dizer. Algumas questões que ficam são: se ele não soubesse do que ela era capaz, ou de seus conhecimentos, ele teria agido da mesma forma? Ela teria nos contado a história com um sorriso no rosto ou com tranquilidade? Por ele ser alguém importante, é provável que a resposta para essas perguntas seja não. Além do mais, essa compreensão por parte dele pode ter acontecido também por estarem em período pandêmico, por causa da mudança que comentamos anteriormente, e por ela estar mais focada em fazer com que a parte tecnológica funcionasse bem para que a reunião acontecesse sem falhas.

Ao analisarmos as duas entrevistas, notamos dois pontos em comum entre uma e outra, o primeiro, a associação de uma palavra em português para o espanhol, mesmo que ela tenha tentado relacionar uma palavra com outra, ainda assim utilizou este recurso; o segundo ponto foi a não interferência dos interlocutores, nenhum dos envolvidos em questão comunicou aos entrevistados com palavras que eles haviam cometido um erro, foram gestos que fizeram com que os entrevistados compreendessem o erro e se corrigissem. Esse entendimento pode auxiliar os envolvidos de forma mais eficaz na compreensão do equívoco e na correção do que foi dito, sem a necessidade de falar a frase novamente com o erro, para depois se corrigir, por exemplo.

Pelo que vimos com as duas experiências que nos foram relatadas, o efeito de sentido que predominou ali, no exato momento da percepção do equívoco, foi uma sensação de constrangimento. Com isso podemos dizer que, dependendo da palavra que foi usada no momento, o máximo que pode acontecer é sairmos envergonhados. As palavras que foram usadas de forma equivocada não causaram maiores consequências para nenhum dos dois, entretanto, sabemos que existem palavras que podem causar um nível de constrangimento muito grande e que devem ser evitadas, para que esse constrangimento não seja maior do que pessoas rindo de nós por causa de uma simples troca.

5. Considerações Finais

Como estudantes à procura de trabalho ou de uma recolocação no mercado, sabemos e aprendemos como é importante ter um segundo idioma ou terceiro idioma já que há uma relação muito grande das línguas com as atividades de assessoria. Por isso, esperamos aprimorar com esse trabalho contribuir para o aprendizado e conhecimento linguístico de todos aqueles que desejam conhecer mais sobre a língua espanhola e sua relação com o português, em especial o nosso, o brasileiro.

Ao iniciar nossos estudos teóricos e fazer as entrevistas, tínhamos como objetivo entender qual seria o impacto que o uso equivocado dos falsos cognatos teria na vida de profissionais das áreas secretarial e administrativa. Alcançamos parcialmente esse objetivo, pois vimos que há de fato um impacto, entretanto, esse impacto que imaginávamos ser grande ao ponto de gerar uma demissão, na verdade, se limitou a um breve momento de constrangimento. O que, de fato, ficou foi uma boa história para se contar a quem está começando, que pode servir como exemplo.

Vimos que os erros comunicativos que acontecem no ambiente corporativo não causaram perdas significativas de compreensão e nem foram fatores geradores de perdas financeiras ou de negócios. Pelo contrário, os erros serviram aos entrevistados de estímulo ao estudo do idioma.

Sabemos que apenas duas entrevistas é pouco para generalizar essas conclusões, entretanto, o tempo que tivemos era pouco para realizar mais do que essas entrevistas. Sabemos também, pelo conhecimento que adquirimos ao estudar espanhol na faculdade, que esses resultados foram básicos, erros simples, e que existem outros casos mais comprometedores que são facilmente confundidos ao se realizar essa associação entre o português e o espanhol, que podem dar um resultado diferente do que obtivemos.

Além disso, caso nossa entrevistada fosse uma profissional que tivesse iniciado na área há pouco tempo e tivesse pouca experiência a ponto de seu chefe não conhecer bem ainda suas habilidades, será que ele teria tido a mesma reação que vimos na entrevista? Se a palavra que o entrevistado tivesse usado fosse mais perigosa, será que a reação das pessoas na sala de reunião seria a de rir? Será mesmo que esses equívocos resultam apenas em constrangimento e nada mais? Uma lista de falsos cognatos dividida entre simples e perigosos, poderia ajudar aqueles que estão começando? Essas perguntas poderiam ser respondidas, mas não tivemos tempo hábil para explorar mais esse tema, por isso as deixamos em aberto para futuras investigações.

O contato com esses profissionais, nos mostra que eles, mesmo experientes, passaram por situação de deslize linguístico. Por isso, devemos evitar essa ilusão de facilidade que o espanhol nos apresenta estudando bem esse tema, para que não caiamos nesses deslizes, mas, se, mesmo assim, errarmos, por que não podemos rir disso e aprender com nossos erros, mais do que nos paralisarmos no constrangimento?

Anexo**MODELO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a):

Nós, Gisele Maria Simplicio, Larissa da Silva Ribeiro e Paula Fernanda Silva da Cruz, alunas do Curso de Tecnologia em Automação de Escritórios e Secretariado da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, situada no município de São Paulo/SP, sob orientação da prof^a. Me. Glauce Gomes de Oliveira Cabral solicitamos a sua colaboração para a realização do nosso trabalho de pesquisa sobre Ilusão de Facilidade: Compreendendo os falsos cognatos da Língua Espanhola na área do Secretariado e áreas correlatas.

O estudo tem o objetivo de identificar o impacto dos falsos cognatos no ambiente corporativo.

Acompanharemos o desenrolar das atividades, prestando qualquer assistência necessária, além de prestar qualquer esclarecimento, a qualquer momento, sobre qualquer dúvida acerca da pesquisa. Qualquer participante poderá interromper sua participação, a qualquer momento, sob qualquer condição, e sem nenhum prejuízo ou penalização. Será garantido o sigilo quanto a participação e as informações fornecidas, resguardando o direito a não exposição dos nomes da empresa e dos sujeitos da pesquisa.

Ao final da pesquisa, caso desejem, os participantes terão acesso aos resultados do trabalho finalizado.

Espera-se com a pesquisa que os participantes possam adquirir informações adicionais em relação ao tema em questão.

Sem mais, solicitamos a sua participação e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos. Fone de contato: (011) 94544-1498, São Paulo/SP.

Gratas pela participação.

Estou ciente e de acordo com a participação,

Assinatura:

Data:

Nome:

Profissão:

RG:

Referências Bibliográficas

BROWN, A. “Estoy embarazado”: Falsos amigos entre português y español a la luz de su frecuencia y etimología. **Anuario brasileño de estudios hispánicos**, n.1. Madrid: Abeh, 2011, p. 13-36. Disponível em: https://sede.educacion.gob.es/publiventa/descarga.action?f_codigo_agc=15659. Acesso em 11 mar. 2023.

CELADA, M. T. Memoria discursiva e imágenes de lenguas. Sobre el español em Brasil y el portugués em la Argentina. CELADA, M. T.; FANJUL, P.; NORTHSTEIN, S. (Coord.) **Lenguas en un espacio de integración: acontecimientos, acciones, representaciones**. 1ª. ed. Buenos Aires: Biblos, 2010.

CHARANDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Z. G. da. Uma reflexão sobre as controvérsias teóricas e terminológicas dos falsos amigos português/espanhol. **Revista Entrecaminos**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 173-189, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/entrecaminos/article/view/167050>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e fonética**. Trad. e Adaptação Maria Carmelita de Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DURÃO, A. B. de A. B. **Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de português**. 2ª Ed., Londrina: Eduel. 2004.

FERNÁNDEZ, S. **Interlengua y análisis de errores**. Madrid: Edelsa, 1997.

FIGUEREDO, F. J. Q. **Aprendendo com os erros uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas 4ª edição revista e ampliada**. São Paulo: Parábola 2023

FREITAS, C. M. Vida e morte no trabalho: acidentes do trabalho e a produção social do erro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n.9, p.2193-2194, 2008. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/25534/VidaMorte.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em 29 mai. 2023

GALLO, C. A. D. **Inglês para Pilotos: Análise de Necessidades das Situações-Alvo**. Dissertação de Mestrado em Línguas Aplicadas e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2006, 130f. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/13792>. Acesso em: 05 maio 2023.

MOUNIN, G: **Dictionnaire de la Linguistique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

NASCIMENTO, M. de J. Idiomas espanhol e português e a democratização da informatização da informação para o MERCOSUL. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S.l.], v.9, n.1, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/416>. Acesso em: 24 mar. 2023.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PACHECO VITA, C. **A opacidade da suposta transparência: quando “amigos” funcionam como “falsos amigos”**. Dissertação de mestrado em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005, 184 p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-07082007-160214/publico/TESE_CLAUDIA_PACHECO_VITA.pdf. Acesso em: 05 maio 2023.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4ª. ed. Trad. Bras. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

RIDRUEJO, E. Castellano y portugués en la época de los descubrimientos. HERNÁNDEZ ALONSO, C. (Coord.). **La lengua española y su expansión en la época del tratado de Tordesillas**: actas de las jornadas celebradas en Soria, 9-11 mayo 1994. Valladolid: Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas, 1995, p. 65-78.

SABINO, Marilei Amadeu. Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? Desfazendo a confusão teórica através da prática. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 50, n. 2, 2006, p. 251-263. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107229>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SILVEIRA, M. S. O estudo dos heterogênicos, heterossemânticos e heterotônicos como aceleradores do processo ensino-aprendizagem do idioma espanhol para os acadêmicos de um curso de Letras. **Revista do Sell**. [S. l.], v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/22>. Acesso em: 1 abr. 2023.